GENFORM: LETRAMENTO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E EMPODERAMENTO A PARTIR DA ELA PLATAFORMA DE CURSOS LIVRES

Joao Vitor De Morais Silva[1]

Jakson Dos Santos Ribeiro[2]

INTRODUÇÃO

As questões de gênero e sexualidade têm ocupado posição central nos debates contemporâneos, tanto no campo acadêmico quanto nos espaços sociais, refletindo transformações significativas nas formas de reconhecimento das identidades e nas lutas por direitos. Ao longo do século XX, especialmente a partir de sua segunda metade, diferentes grupos sociais passaram a reivindicar visibilidade, dignidade e igualdade, tensionando normas historicamente estabelecidas e ampliando os limites das categorias tradicionais de identidade

Nesse contexto, os movimentos sociais vinculados às dissidências de gênero e sexualidade, como aqueles associados à comunidade LGBTQIAPN+, desempenham papel fundamental na luta por reconhecimento e cidadania. Um marco importante desse processo foi a Revolta de Stonewall, que impulsionou a organização política desses grupos em escala global e contribuiu para a consolidação de agendas voltadas ao enfrentamento da discriminação e da violência.

No Brasil, entretanto, tais avanços convivem com uma realidade marcada por desigualdades estruturais e diferentes formas de violência. Estudos como os de Renan Quinalha e Luiz Mello evidenciam o processo histórico de estigmatização dessas populações. Dados recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, apresentados no Atlas da Violência (2024), indicam que, em 2022, foram registradas 8.028 vítimas de violência contra pessoas dissidentes de gênero e sexualidade no Brasil, representando um aumento de 39,4% em relação ao ano anterior. Entre essas vítimas, 72,5% eram homossexuais e 27,4% bissexuais, sendo a maioria composta por mulheres (67,1%), com predominância de pessoas negras (55,6%), o que evidencia a interseccionalidade das desigualdades.

Do ponto de vista teórico, a compreensão dessas dinâmicas exige o reconhecimento do gênero como construção social, conforme proposto por Joan Scott, bem como a análise das relações de poder que atravessam os corpos e as sexualidades, conforme discutido por Michel Foucault. Tais perspectivas permitem compreender que as identidades são historicamente construídas e socialmente reguladas.

Além disso, os processos de socialização, mediados por instituições como família, escola e mídia, contribuem para a reprodução de normas associadas ao binarismo de gênero, influenciando a construção das identidades. Nesse sentido, reflexões como as de Leonard Sax problematizam os padrões que naturalizam comportamentos considerados “masculinos” ou “femininos”, evidenciando a necessidade de abordagens críticas.

Diante desse cenário, torna-se fundamental investir em estratégias educativas que promovam o letramento crítico sobre gênero e sexualidade. Nesse contexto, a articulação entre tecnologias educacionais e Ciências Humanas apresenta-se como uma alternativa relevante para ampliar o acesso ao conhecimento, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e para o enfrentamento das desigualdades sociais.

1 Discente em Licenciatura em História, pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, campus Caxias, Email: Joavitomarques812@gmail.com

2 Doutor em História Social, Professor Adjunto III da Universidade Estadual do Maranhão- CESC/UEMA. E-mail: noskcajzaionnel@gmail.com

METODOLOGIA

Os cursos livres foram disponibilizados via o Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment / Ambiente de Aprendizagem Dinâmico Mod a Objeto). É um sistema de internet que concentra um conjunto de ferramentas de gerência pedagógica e administrativa de cursos, bem como um Ambiente de Aprendizagem (AVA).

O Moodle possui uma estrutura que permite usar ferramentas para criar áreas específicas e, também, facilitar o acesso dos alunos. Pode ser utilizado na educação formal e na educação informal, tanto para atender um curso na modalidade a distância quanto dando suporte às atividades de cursos presenciais.

O Moodle foi criado em 2001 pelo educador e cientista computacional Martin Dougiamas e é uma plataforma de aprendizagem de código aberto. Utilizada, nesse caso, as atividades foi envolvido a criação do ambiente que será realizada de forma que o bolsista possa articular os conhecimentos tecnológicos, parâmetros das questões sobre gênero, sexualidade e empoderamento, através da plataforma Moodle. Assim, cada curso ofertado pela plataforma em módulos acerca da temática escolhida, teve como propósito ampliar a dimensão dos/as participantes possuírem um letramento sobre gênero, sexualidade e empoderamento.

Em vista das questões formativas com o/a aluno/a bolsista, será realizada, passo importante da pesquisa, que é a inserção dos dados e objetivos que ele alcançar para o desenvolvimento das plataformas digitais. Neste caso, foi feito o uso, primeiramente, da inserção de um diagrama de caso de uso para uma visualização da aplicação em termos de uso, e, no diagrama de caso de uso, faremos uma análise de como foi criada a interface e funções da aplicação. O design disponibilizou uma paleta de cores, imagens do tema e layouts dos menus. O layout dos menus foi distribuído os ícones na área inicial do aplicativo.

O LETRAMENTO:

O letramento provindo da escrita inglesa “literacy” e do Latim “Littera” está relacionado segundo Soares (2006), que letramento é o estado ou condição de quem se apropria da escrita e utiliza para passagem de conteúdo, utilizando de ferramenta social. letramento então, é o resultado de uma ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, está condição é adquirida sobre um grupo social mediante a consequência de ter-se apropriado da escrita, deste modo o ato de ler e escrever visto em Paulo Freire se torna presente em conceito atual da academia. A partir de Alferes (2023) e Freire (1968) a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem.

Em continuidade, Kleiman (2005), acredita que o letramento surge em todos os modos e cotidianos da vida de uma pessoa, indo para o trabalho, lendo algum *poster* , no âmbito da sala de aula, deste modo, o letramento é como um ponto fixo em nosso cérebro, o ato de aprender e ensinar emprega o entendimento sobre todas as situações e dissemina o conhecimento entre interações de indivíduos. Kleiman (2005)

> “Letramento” é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana: -
> no ponto de ônibus, anunciando produtos, serviços e campanhas;
> -no comércio, anunciando ofertas para atrair clientes, tanto nas pequenas vendas, como nos grandes supermercados;
> -no serviço público, informando ou orientando a comunidade.
> E poderíamos ir multiplicando os locais em que ela aparece: na igreja, no parquinho, no escritório... Porque a escrita, de fato, faz parte de praticamente todas as situações do cotidiano da maioria das pessoas.

O LETRAMENTO DIGITAL

Certa forma, o letramento digital inicia-se no ciberespaço, suas correlações transmutam para dentro do ciberespaço a infinita a possibilidade de ensinar e aprender, a criação do ciberespaço mesma posta com a criação da *internet,* intensifica a sociedade a utilizar meios de conversas e bate papos, como *fóruns* e redes sociais como *facebook , Instagram.* Soares (2002) descreve que

> Considerando que letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.

Assim, o ciberespaço emerge como uma máquina abstrata, um espaço de inscrição virtual a partir da mídia digital e da hibridização das linguagens (Monteiro,2006) Analisando o letramento digital e suas vertentes, analisaremos o alicerce desta pesquisa que é o letramento midiático, tal conceito é apresentado por Jekins(2006) quando é discutido sobre "cultura participativa", sendo uma fronteira sobre quem escreve e quem ler, certa forma se tornando quase fluída. Assim, percebe-se que em um contexto de pós verdade e eras digitais, a busca por informações rápidas e tão poucas verdadeiras se tornam presentes e gigantescas

Por conseguinte, os conceitos de letramento digital embarcam nas funções midiáticas da sociedade, com seu crescimento durante a era da tecnologia do século XX, portanto a sociedade em diferentes aspectos, inicia-se o processo do letramento midiático (*media literacy*). Mocelin (2010) explica que os conceitos de educação para as mídias (*média education*) e letramento midiático (*media literacy*) são dois conceitos que passaram a ser discutidos em todo o mundo contemporâneo. O conceito de *média literacy* envolve não somente o acesso às mídias e o entendimento de seus códigos, mas, principalmente, a capacidade de analisar e avaliar criticamente as mensagens transmitidas em tudo que lemos, ouvimos e assistimos.

Outrossim, o processo tecnológico da sociedade e suas vertentes, configura a era das máquinas e das informações rápidas, essa grande máquina social invisível, fruto da enorme personalização dos ambientes online, usa todos os dados coletados da sua vida digital para te oferecer tudo aquilo que ela considera relevante para você (Mansera, 2015). O domínio do letramento digital no século XXI, exige que o usuário tenha o conhecimento necessário para a produção e disseminação desse conhecimento, está mudança dos anos 2000 e a *internet* em seu crescimento, duas fases da vida se encontram e aprendem juntas um novo modelo de vida que em dias atuais é pensado de modo normal e necessário para qualquer individuo inserido na sociedade, os chamados "Filter bubble" onde algoritmos de personalização limitam a exposição do usuário a opiniões divergentes, moldando sua percepção de realidade online(Mansera, 2015)

A VIOLENCIA DE GÊNERO

Saffioti (2015) disserta sobre a violência que a mulher passa na sociedade, vindo do fruto do patriarcado, a cultura do patriarcado já instalada na sociedade, acarreta que em um ar de superioridade masculina tal ato ultrapassa limites de princípios dos direitos humanos redigindo a cultura da violência como algo "normal" na sociedade. Propagando pensamentos machista, criando em seu consciente que existe um gênero superior ao outro, certa forma esse pensamento acarretou problemas para o gênero feminino, ocasionando mais dificuldades para as pessoas que lutam pela igualdade de gênero.

Ainda mais Saffioti (2015) ressalta sobre as diferenças violência contra a mulher e que devem ser diferenciadas para que não cai em um significado comum, assim, sendo mais pesquisadas, conhecidas de forma buscar os diversos módulos para o combate. Pois ao falarmos de violência contra a mulher já se decai ao pensamento de *violência de gênero.* Descreve-se violência de gênero sobre a fundamentação para que não imaginássemos a violência apenas ao

feminino, tão modo criado no passado já para que a mulher seja inferior, devemos então pensar que a violência de gênero engloba o homem e a mulher e que devem ser tratados como tais, pois a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência.

A *violência de gênero* provém de um espaço provido do patriarcado inserido na sociedade, entende-se que os grupos sociais que mais sofrem tais atos são grupos feministas adjunto dá comunidade LGBTQIAPN+

Bandeira (2014, p.455), descreve que;

> Em outras palavras, ao escolher o uso da modalidade violência de gênero, entende-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais e, portanto, interpessoais, que têm cenários societais e históricos não uniformes. A centralidade das ações violentas incide sobre a mulher, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos. Não se trata de adotar uma perspectiva ou um olhar vitimizador em relação à mulher[..], mas destacar que a expressiva concentração deste tipo de violência ocorre historicamente sobre os corpos femininos (Bandeira.p.455.2014)

Ao pensarmos sobre o corpo da mulher na história, nos deparamos com falsas narrativas de que mulheres sempre foram fracas, tais narrativas criadas por historiadores antropológicos que vangloriavam o patriarcado e o machismo registrado na sociedade. Tais narrativas utilizando eventos históricos antigos e a ciência biológica, não se adequa a sociedade atual, assim, femismo surge para contradizer ao conservadorismo e inferiorizarão da mulher enquanto indivíduo na sociedade. O feminismo tem própria historicidade que articula luta, militância e fundamentação teórica (Silva,2019)

As questões de gênero não derivam das ciências biológicas, mas da construção cultural e histórica da sociedade, a formalização da dominação masculina na sociedade, estruturou o falso paradigma da inferioridade feminina frente há superioridade masculina. Simone Beauvoir (1949) afirma que “não nasce mulher, torna-se mulher” demostrando que as questões de gênero é produto da civilização. Scott (1990), condecora que os estudos de gênero se necessitam de visões mais amplas, desde relações de trabalhos, educação ou discussões rotineiras, para formação de discussões que analisem o paradigma da sociedade.

A criação de sujeito individual “homem e mulher”, se faz de prece que sejam diferentes mesmo que ainda sejam seres humanos a contextos sociais, apresentando diferencias em determinismo biológico, ainda sim os papéis sociais são moldados por pensamentos conservadores que se baseiam na biologia dos corpos para discursos patriarcais, tal binarismo reforça e mantem os padrões de rigidez nas questões de gênero, deste modo, o homem assume o papel de provedor da casa e a cabe a mulher os afazeres doméstico e do criação dos filhos

Este modelo, típico da sociedade do século XIX, com a alteração da deste modelo na era contemporânea, a maioria dos homens se permitem sentir sentimentos e o crescente pensamento de medo e impotência, pois já não é ele que provem a economia da casa, logo começa a sentir mais sentimentos de inferioridade e solidão que acaba em sentimentos epistemológicos de raiva. Segundo Bell Hooks (2001), o patriarcado é nocivo até mesmo para os homens, “pois lhe nega o acesso a sua própria vida emocional” ao exigir que sacrifiquem a sensibilidade em nome do domínio.

Em suma, a história em tenta explicar como o patriarcado contribuiu para o a desigualdade de gênero, mas o sub entendimento sobre tais questões leva sobre contextos biológicos e morais individuais, redigem explicar pelo teor reprodutivo de gêneros, e os morais por questões de presença, retirando a busca pelo conhecimento acerca das estruturas socais e políticas.

A VIOLENCIA DOMÉSTICA

Descrevemos sobre a violência doméstica e o seu mal no espaço de convivência familiar dita por Saffioti (2015, p. 85).

> A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, geralmente, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo. Até que este ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela. Este é o chamado ciclo da violência, cuja utilidade é meramente descritiva (Saffioti, p 85,2015)

Portanto, a mulher vítima de agressão em seu ambiente familiar, poucas vezes consegue a sua liberdade roubada do seu parceiro, sendo dificilmente vistos por pessoas de foras que a vítima sofre agressão.

A lei Maria da penha de acordo ao Art. 5. Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (Senado,2011)

Ao analisarmos a lei, entendemos que abrange a violência doméstica, gênero e intrafamiliar, sendo redigida a todas as mulheres sem nenhuma diferenciação, de modo ser inflação dos direitos humanos assegurados a república do País. Cabe ao ministério público, as DEAM, órgãos entre outros, que lei seja redigida e explorada me todo o território.

A violência doméstica sobretudo, ocorre quando se reside na casa do agressor, podendo ser intrafamiliar ou não, ao caso empregadas domesticas, babas entre outras que estão em rotina dentro da residência, porém a diversos casos em que a mulher sai de casa e o agressor a espera pronto para violenta-la, assim indo ainda caracteriza como violência doméstica, o mesmo não impede que a situação se torne vice-versa, contudo, sabemos que geralmente parte do sexo masculino essa forma, a sociedade cria-se o feminicídio.

A intrafamiliar ocorre dado a superioridade de algum familiar, geralmente aos avós que agridem seus netos(as), lhes dado o certo 'poder' de levar essa agressão como forma de ensinamento a sua prole, certo modo não é diferente da doméstica sendo apenas pequenas divisões de espaços que determinam o significado de cada uma. O combate a ambos vem da orientação de gêneros e entendimento sobre os seus direitos.

> O Art 5 da Lei Maria da Penha, dar-se o conceito sobre violência doméstica e familiar
> **Art. 5º** Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: (Vide Lei complementar nº 150, de 2015)
> **I** - No âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;
> **II** - No âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;
> **III** - Em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação. (BRASIL, 2006)

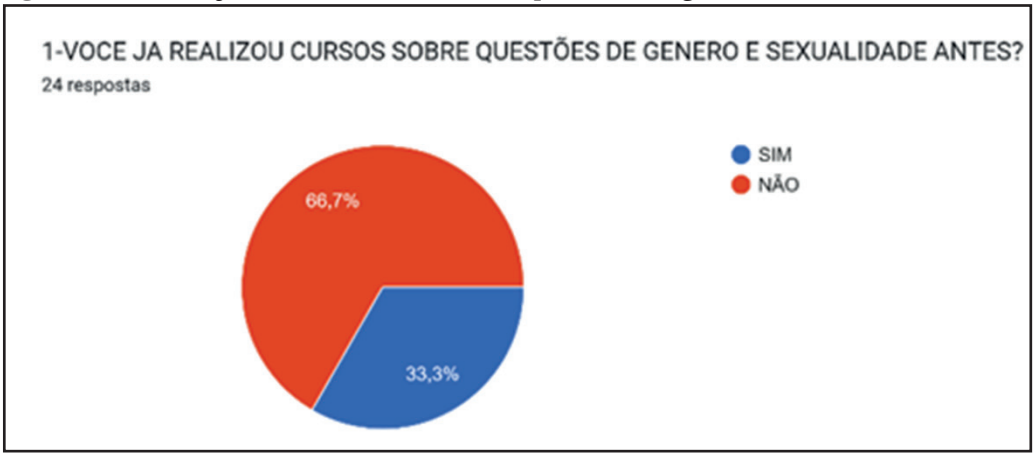
Barretos (2004), descreve que a violência doméstica afeta o psicológico das vítimas , desenvolvendo quadros severos de adoecimento psíquico, como depressão, ansiedade, estresses pós-traumáticos e suicídio. Assim esclarece que não apenas a força física se caracteriza como violência, mas o psicológico fica se agravado, os danos psicológicos se tornam graves, demonstrando que poucas vezes a vítima está de fato livre novamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a execução dos primeiros meses do projeto, realizou -se um formulário via Google Forms, com o objetivo de mapear as opiniões do público universitário da universidade UEMA, para a análise, dúvidas que possam ser geradas e de como podemos praticar o projeto de melhor forma aos cursantes que o assistiram. As perguntas que continham no formulário eram:

- 1 - VOCE JÁ REALIZOU CURSOS SOBRE QUESTÕES DE GENERO E SEXUALIDADE ANTES?
- 2 - VOCE ASSISTIRIA UM CURSO COM CERTIFICADO QUE TEM COMO FOCO O LETRAMENTO SOBRE AS QUESTÕES DE GENERO, SEXUALIDADE E EMPODERAMENTO?
- 3 - SE SIM, ATÉ QUANTOS MINUTOS VOCE ASSISTIRIA CADA VIDEO?

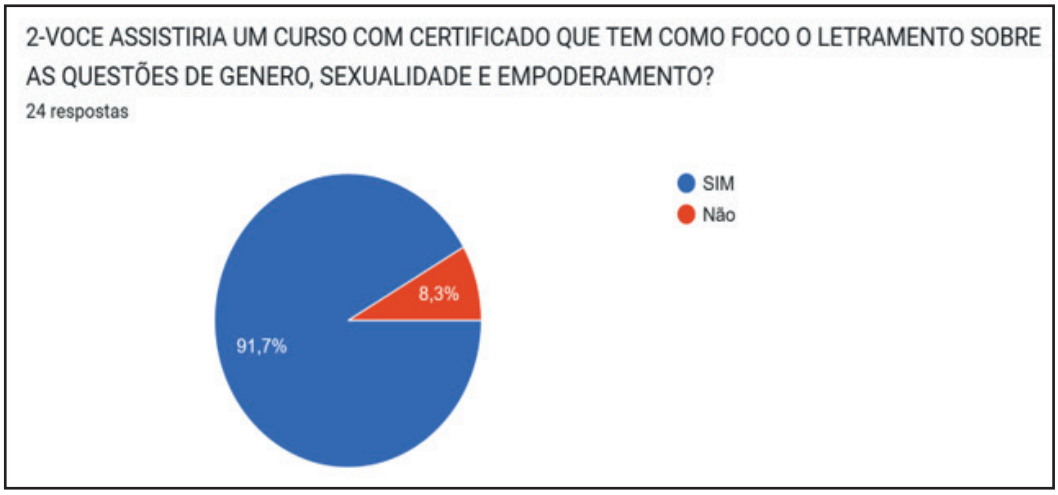
Figura 01 - Você já realizou cursos sobre questões de gênero e sexualidade antes?



Fonte: Dos autores (2025)

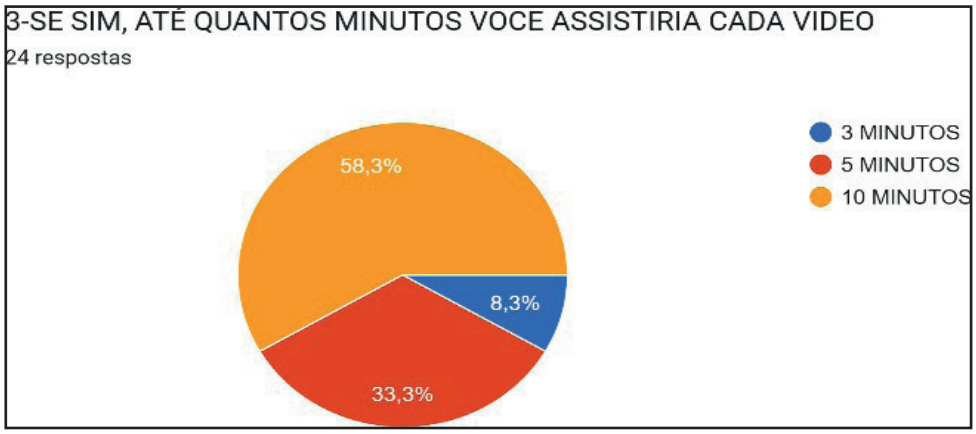
A coleta de dados por meio do formulário online produzido via *google forms*, foi crucial para análise de dados e processos metodológicos futuros sobre a plataforma. A figura 01 tem seu indicador notório de 66,7% de resposta acerca da indagação se os participantes da pesquisa já haviam participado de algum curso sobre a área de gênero e sexualidade. Tal carência de letramento, posiciona a plataforma GENFORM em uma intervenção pedagógica essencial para um público que necessita da formação sobre questões de gênero.

Figura 02 - VOCE ASSISTIRIA UM CURSO COM CERTIFICADO QUE TEM COMO FOCO O LETRAMENTO SOBRE AS QUESTÕES DE GENERO, SEXUALIDADE E EMPODERAMENTO?



Fonte: Dos autores (2025)

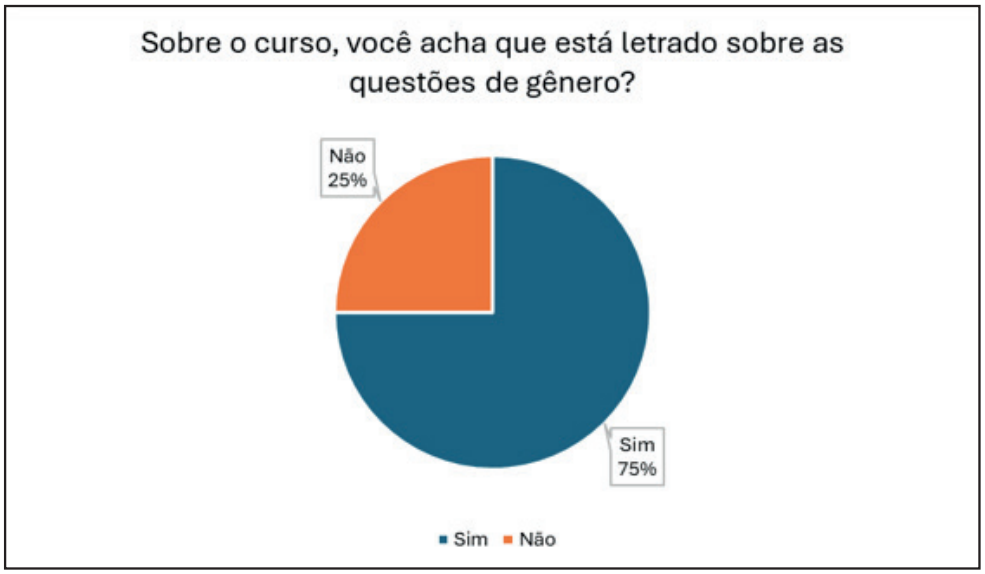
Figura 03 - SE SIM, ATÉ QUANTOS MINUTOS VOCE ASSISTIRIA CADA VIDEO



Fonte: Dos autores (2025)

As figuras 02 e 03, indicam a preferência dos usuários em vídeos de até 10 minutos, diferente de uma simples escolha de brevidade, desse modo, a fragmentação entre os conteúdos se torna menor, sendo em 10 minutos diferentes formas de trabalhar os diferentes assuntos que englobam a área de gênero. Assim, como qualquer atividade teórica pratica como "cursos online", 91,2% responderam afirmativo sobre a opção de certificação futura. Deste modo, o víeis do curso com certificação, abre as vertentes para utilização do curso na especialização da formação docente, contribuindo para currículos acadêmicos e sociais. Conforme aponta Moran (2013), a Educação a distância (EAD) está modificando as formas de ensinar e aprender, alterando os espaços, tempos e mídias, de modo intermediar o ser humano há tecnologias diferentes. O que evidencia o potencial dos cursos online como instrumentos legítimos de formação contínua e qualificações profissionais

Figura 04 - Sobre o curso, você acha que está letrado sobre as questões de gênero?



Fonte: Dos autores (2025)

A figura 04, apresenta os resultados obtidos na finalização do projeto de 12 meses em sua atuação, revelando que 75% dos participantes afirmaram sentir-se letrados nas questões de gênero após o curso, tal dado evidencia a eficiência da proposta do projeto de pesquisa, em seu principal objetivo que é contribuir ao combate da desinformação sobre gênero e sexualidade na sociedade. Tal resultado relaciona com a perspectiva de Louro (2014), onde afirma que a educação é um espaço para construção significativos sobre gênero e sexualidade, com o acesso a informações, mas o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade social.

Embora os 75% abordem um número afirmativo acerca do projeto, os 25% apresentados na figura apontam a necessidade de aprofundamento contínuo da temática nos espaços formativos, Scott (1995), afirma que gênero é uma categoria analítica que implica relações sociais complexas, reforçando que o letramento descrito por Jekins(2006), se torna uma "cultura participativa", de forma curso fornecer o letramento digital em sua analise

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos neste estudo destacam importantes aspectos relacionados ao desempenho

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.

BARRETO, Margarita. **Violência, saúde e trabalho: uma jornada de humilhações**. São Paulo: EDUC, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 8 ago. 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FEMINICÍDIO bate recorde no Brasil, diz estudo. *CNN Brasil*. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/feminicidio-bate-recorde-no-brasil-em--diz-estudo/. Acesso em: 16 jan. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da violência 2024**. Brasília: IPEA, 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

KLEIMAN, Angela. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MOCELIN, Daniel Gustavo. **Media literacy e educação para as mídias: desafios contemporâneos**. *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, v. 15, n. 43, p. 112-128, 2010.

MONTEIRO, Silvana Drumond. **O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito**. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2013.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAX, Leonard. **Por que o gênero importa: o que pais e professores precisam saber sobre a ciência emergente das diferenças de sexo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667. Acesso em: 16 jan. 2025.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.